

**Autor | Author**Alan Santos de Oliveira\*  
alansanoli@gmail.com**O CAVALO DA PALAVRA: O USO DE PROVÉRBIOS  
NO CANDOMBLÉ E NA CAPOEIRA DA TRADIÇÃO À  
CONTEMPORANEIDADE****THE HORSE OF THE WORD: THE USE OF PROVERBS  
IN CANDOMBLE AND CAPOEIRA FROM TRADITION  
TO CONTEMPORANEITY**

**Resumo:** Os legados advindos do continente africano plantados na diáspora, proporcionaram a continuidade de saberes disseminados em grande parte do continente americano. Um destes conhecimentos compreende o uso de provérbios africanos e populares dentro das comunidades tradicionais. No Brasil os provérbios circulam pelas religiosidades negro-africanas, pelo universo da Capoeira, nas comunidades de Quilombos e outras vertentes que influenciam, direta ou indiretamente, experiências e significados da chamada cultura afro. No contexto da oralidade, e também da escrita, percebemos que os provérbios africanos e também universais (de outras origens), encontram abrigo e têm sido preservados no ventre da cultura afrobrasileira.

**Palavras-chave:** provérbios, oralidade, cultura afrobrasileira, Candomblé, Capoeira.

**Abstract:** *The legacies coming from the African continent planted in the diaspora, provided the continuity of knowledge spread in much of the American continent. One of these knowledge comprises the use of African proverbs and popular within traditional communities. In Brazil the proverbs circulate through Black African religions, through the universe of Capoeira, in the communities of Quilombos and other aspects that influence, directly or indirectly, the experiences and meanings of the so-called Afro culture. In the context of orality, and also of writing, we realize that African proverbs and also universal (from other origins) find shelter and have been preserved in the womb of Afro-Brazilian culture.*

**Keywords:** *proverbs, orality, afrobrasilian culture, Candomble; Capoeira.*

O provérbio é o cavalo da palavra.  
Provérbio Yoruba

## INTRODUÇÃO

Até o momento, os mitos, as narrativas, os ensinamentos e outros elementos em que o provérbio circula continuam a se cristalizar nas comunidades tradicionais e também contemporâneas (quilombos urbanos, grupos de rap). Os provérbios na cultura afrobrasileira têm servido na constituição da identidade dos indivíduos, nos ensinamentos e no bem fazer destes. Consequentemente servem como explicações poéticas e reflexivas para os devaneios da vida e colaboram na estética da linguagem cotidiana destes grupos.

A cultura afrobrasileira forma uma parcela da Afro-América, pois em outras regiões do continente existe também a presença de descendentes e de saberes de povos africanos. Com um imenso território e também pela própria exploração da mão de obra escrava durante o período colonial, o Brasil abriga a maior parcela da população negra neste imenso continente.

Ocupamos, ainda, a segunda maior população negra do mundo, antecidos somente pela Nigéria, um país africano. Segundo os estudos histórico-cartográficos de Rafael Sanzio dos Anjos (2010), a presença africana no território brasileiro é abrangente e diversificada em aspectos culturais. Uma pesquisa<sup>1</sup> do geógrafo apontou que o Brasil recebeu diferentes etnias de acordo com os períodos (ciclos) de desenvolvimento econômico exploratórios da colonização (ciclo do ouro, ciclo da borracha, ciclo da cana-de-açúcar entre outros).

As tradições herdadas dos nossos ancestrais africanos, conhecidas como *bantu*, *jeje* e *yorubá* tiveram maior predomí-

nio no Brasil, principalmente na formação da religiosidade. Os bantos tem predominância nas regiões de países como Angola, Moçambique e República Democrática do Congo, os *jeje* aparecem no Benin e na Costa do Marfim, já os yoruba tem ampla expansão nos atuais estados da Nigéria, Benin e Costa do Marfim. Outras reminiscências africanas podem ser encontradas em diversas regiões do Brasil, mas a maioria foram incluídas nos arcabouços *bantu*, *jeje* e *yorubá* ou extintas por repressão durante o regime colonial e pós-colonial.

Com o desenvolvimento destas culturas, mesmo em condições nada favoráveis, ocorreu a continuidade de processos civilizatórios negro-africanos. Permaneceram nos corações e na dinâmica do pensamento destes migrantes, sua fé, arte e linguagens estéticas em que o provérbio também se manifesta. Segundo o pesquisador angolano Abreu Paxe (2014), o provérbio nas comunidades africanas circula em todas as mídias e expressões culturais, e nesta linhagem, percebemos que o mesmo acontece nos terrenos e terreiros da diáspora. Assim, acreditamos ser necessário pensar os provérbios e sua desenvoltura a partir das revelações culturais afrobrasileiras, confirmando cada vez mais sua amplitude e diversidade sobre o tempo histórico e o espaço geográfico. O provérbio atravessa séculos e cruza diversas fronteiras.

Diversos aspectos antropológicos podem ser verificados desde a história escravagista negro-africana no território brasileiro, mesmo diante de toda opressão sofrida. As maneiras de desenvolvimento do trabalho se diversificaram na mineração, na agricultura, no comércio, na vestimenta, nos afazeres domésticos, na musicalidade e nas artes visuais onde confinam numa imensa arca de conhecimentos que aportaram em nossa sociedade. Neste espaço de reconstrução de uma nova África, as dimensões de sua estrutura se darão em diversas comunidades tradicionais, dos terreiros aos quilombos, dos movimentos negros urbanos ao movimento hip-hop, em esferas da oralidade, imagens e escritas. Xavier (2006) assinala que

Os complexos religiosos, entre as demais formas de reconstrução das territorialidades afrodescendentes, tais como as escolas de samba e remanescentes de quilombos, são os principais polos de rearticulação dos universos africanos fora da África. Neles, rearticulam-se os portais de ingresso ao universo africano: a teia da oralidade – arquitetura oral das civilizações africanas; as relações dinâmicas com as ancestralidades históricas ou cósmicas; e as relações dialéticas de mútua reciprocidade entre o mundo histórico – verificável – e o mundo sagrado – residência dos ancestrais. (XAVIER, 2006 p. 131)

1 A partir da pesquisa de Anjos (2010), podemos apurar que durante quatro séculos o território brasileiro obteve, por meio da migração forçada, representantes das mais diferentes etnias africanas. Abaixo designamos o contexto destas migrações: a) no século XVI, o Brasil recebeu diversas populações da região da Guiné, região atualmente abrigada pelos países de Serra Leoa, Senegal, Guiné, Guiné-Bissau, Nigéria, Benin, Burquina Faso, Gana, Costa do Marfim, Libéria, Mali e Gâmbia; b) em continuidade a este processo, durante o século XVII e XVIII, período de maior intensidade do tráfico negreiro, a preferência se dá nas regiões da Costa de Angola e na Costa da Mina, de onde vieram migrantes forçados dos atuais países: Costa do Marfim, Libéria, Burquina Faso, Mali, Níger, Congo, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Camarões, Angola, Gabão, República Democrática do Congo e Guiné Equatorial; c) finalmente, no século XIX, com a implantação de leis abolicionistas, o tráfico diminui, mas ainda assim, o Brasil recebe povos dos atuais países: Gana, Togo, Benin, Nigéria, Gabão, Congo, Angola, República Democrática do Congo, Moçambique e Madagascar.

Justamente na rede da oralidade é que se entrelaçam os fios do conhecimento e dos saberes africanos na diáspora, tendo, como um destes condutores os provérbios africanos que sobreviveram como saberes dos povos afrodescendentes pela sua capacidade de construir um saber. O uso dos provérbios em comunidades afrobrasileiras está inscrito naquilo que Nei Lopes (2004) diz:

Na África e em muitas comunidades da diáspora, o uso de provérbios é prática indispensável no processo de educação e socialização da infância e da juventude. Nas culturas negro-africanas tradicionais, usado inclusive para esclarecer pontos obscuros em uma discussão, o provérbio constitui-se um valioso instrumento teórico para a compreensão da realidade. (LOPES, 2004, p. 545)

Para reconhecer a presença dos provérbios na cultura afro-brasileira, elencamos dois aspectos culturais, onde acreditamos difundir as expressões da oralidade negro-africana e com ela o uso de provérbios: O Candomblé com seu universo religioso e mítico e a capoeira com as suas variedades poéticas e sociais, ambas vertentes se conduzem em estruturas comunitárias e especificidades ancestrais africanas.

## CANDOMBLÉ: USOS DOS PROVÉRBIOS PELA ORALIDADE E ESCRITA

Antes de explorar o uso de provérbios nestas comunidades religiosas, cabe repassar uma abordagem conceitual sobre o Candomblé. Embora seja uma tarefa extremamente difícil, optamos começar a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema para delinear alguns aspectos necessários. Nesta leitura, obtivemos olhares de autores(as) de olhares “de dentro e de fora” e de fora dos espaços de terreiros, tais como: Edson Carneiro (2008), Fábio Lima (2003), Claude Lepine (1981), Raul Lody (1987), Maria Stella de Azevedo Santos (2010), Muniz Sodré (1988) e Pierre Verger (2002). Com estes, chegamos às primeiras impressões de que o Candomblé seja uma religião brasileira com suas origens alicerçadas a certos países africanos tais como: Angola, Congo, Benin, Nigéria, Costa do Marfim, entre outros que contribuíram com a nossa formação cultural brasileira por meio daqueles que aqui vieram para o trabalho escravo. Aporta-se nesta constituição cultural também a presença portuguesa e indígena em menor escala, principalmente nas relações de sincretismo religioso.

Estes povos chegaram e sobreviveram tanto no Brasil como em outras regiões da América e do Caribe, em precárias situações de vida, sujeitos às constantes exploração e crueldade.

Em compensação, mantiveram o resguardo de conhecimentos pertencentes às suas crenças e suas relações espirituais com a natureza.

Diante de sua progressão, o Candomblé tornou-se muito mais que apenas uma religião, pois integra a comunidade interna no âmbito social, ao mesmo tempo em que contribui com as comunidades externas sem a necessidade de que todos venham a se converter na sua esfera religiosa. Já com a finalidade religiosa, o Candomblé contribui também socialmente com aqueles que o procuram, colaborando na restauração do caráter e na vida pessoal de indivíduos em diferentes formas: pela educação, com base na oralidade; pelo tratamento psicológico, na atenção individualizada; nas expressões, através da dança e da música. Para Raul Lody:

[...] a instituição do Candomblé, centenária e fortalecida, polariza não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, a hierárquica, a ética, a moral, a tradição verbal e não verbal, o lúdico e tudo, enfim, que o espaço da defesa conseguiu manter e preservar da cultura do homem africano no Brasil. (LODY, 1987, p. 10).

Com o exposto acima, podemos perceber o quanto o Candomblé torna-se mais que apenas uma religiosidade que, mesmo cumprindo outros papéis, infelizmente, torna-se incompreendido por uma grande parcela da população brasileira, mesmo tendo contribuições fundamentais a esta mesma sociedade. Para Lepine (1981), as integrações das relações mais abrangentes estariam envoltas pela multiplicidade que o universo do Candomblé estabelece, pois

Devemos frisar que o candomblé não é folclore, nem é apenas religião ou ideologia, quer entendamos por ideologia uma visão globalizante do mundo, quer entendamos uma fantasmagoria, um conjunto de ideias falsas, que disfarçam a situação real de um grupo oprimido. Trata-se de sociedades, de comunidades com vida própria. Um terreiro de Candomblé tem sua gente, seu pedaço de terra, suas técnicas tradicionais de trabalho, seu sistema de distribuição e de consumo de bens, sua organização social, bem como seu mundo de representações. (LEPINE, 1981, p. 13).

Cabe dizer ainda que não foi somente no Brasil que o fenômeno de surgimento desta religiosidade ocorreu no processo da diáspora. Ao mesmo tempo, em virtude da colonização em outras partes do continente americano, prosseguiu noutros territórios o que se desenvolvia em solos africanos, se recriando em novas formas de práticas destes cultos diaspóricos. Em Cuba, por exemplo, temos a *Santería*, enquanto no Haiti, o *Vodu*. Somente no Brasil, o Candomblé, em seu processo de formação, adotou diversos nomes em regiões de

norte ao sul do país, devido os diferentes processos históricos e culturais. Embora “Candomblé” seja o nome mais comum, encontramos em São Luís, e em outras áreas Maranhão, o *Terecô* e o *Tambor de Mina*, já no Rio Grande do Sul ele é conhecido como *Batuque* e em Pernambuco o referencial culto recebe o nome de *Xangô*, este último homenageia diretamente ao Orixá (Divindade) de mesmo nome, muito cultuado em vários países da África e também no Brasil. Enfim, estas poucas designações permitem entender que o “Candomblé incorpora, funde e resume as várias religiões do negro africano” (CARNEIRO, 2008, p. 33) em diversos territórios da América.

O Candomblé se divide em três ramificações principais encontradas no Brasil (*Nagô*, *Jeje* e *Angola*) e em diversas formas de cultos peculiares, muitas inclusive estão relacionados a cultos indígenas. *Nagô*, *Jeje* e *Angola*<sup>2</sup> são, na atualidade, os principais Terreiros distribuídos e praticados em nosso país. Segundo Muniz Sodré: “Terreiros constituem comunidades litúrgicas de culto” (SODRÉ, 1988, p. 17) organizadas em um sistema complexo. De acordo com Sodré os conhecimentos praticados nestas comunidades não podem alicerçar-se na cultura conhecida como “popular”, uma vez que esta,

Não passa do conceito da mistura e da apropriação desigual de mecanismos simbólicos da cultura burguesa (já que é feita por extratos sociais marginalizados) e simbolizações provindas de culturas não-cristãs, quase sempre numa tensão conflitiva com a ideologia dominante. Além disso, esse adjetivo “popular” costuma ser entendido como “simplificação”, em confronto com o erudito e o complexo. (SODRÉ, 1988, p. 159).

Para Sodré, o saber do Candomblé é complexo tem seus alicerces na iniciação, na formação e na hierarquia por aqueles que integram estes grupos e que sabem muito bem, do conjunto de particularidades que se aplicam em botânica, musicalidade, processos pedagógicos e criativos, além de outras inúmeras formas de conhecimentos existentes. Sodré nos diz também que estes conhecimentos são conquistados em pequenos passos. Neste processo não existe um simples conhecimento de um povo, existe uma sabedoria complexa que muitas vezes são de difícil acesso, e isto talvez, seja uma das mágicas que envolvem pesquisadores, artistas e outros interessados em apropriação ou busca de pertencimento a esta misteriosa religião.

2 Para melhor conhecimento etnográfico sobre as categorias informadas ver a pesquisa A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia (2003) do antropólogo Vivaldo da Costa Lima.

## A CIRCULARIDADE DOS PROVÉRBIOS NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

O Candomblé é uma religiosidade que cumpre o status de “porta-voz” dos provérbios na atualidade, sejam eles advindos do continente africano ou de outras tradições da formação cultural brasileira que foram seguramente recebidos e guardados. A relação de fixação deste gênero pode estar na ancoragem da oralidade ancestral africana ainda presente nestes terreiros.

Desta forma, analisando o envolvimento dos provérbios no Candomblé, concluímos que se torna presente tanto na oralidade, quanto pela escrita. Maria Stella de Azevedo Santos, conhecida popularmente como Mãe Stella de *Oxóssi*, representa uma das presenças mais marcantes da atualidade no que diz respeito a religiosidade afrobrasileira. Conhecida também pela produção literária da Bahia e que se dispôs, entre outros afazeres e conhecimentos, a pesquisar os provérbios.

Nascida em Salvador, Bahia, em 1925, Mãe Stella de *Oxóssi* assumiu o cargo de *Yalorixá* (Mãe de Santo) do Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá* em 1976. Em sua gestão, que dura até os dias atuais, é uma das principais responsabilidades pelas realizações no espaço do Terreiro, entre as principais podemos elencar: a criação da Escola Eugênia Anna dos Santos, em 1978; a fundação do Museu *Ilê Ohum Lailai*, em 1999; e o tombamento do seu Terreiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2001.

Por seus feitos, Maria Stella de Oxossi tornou-se reconhecida como uma das principais *Yalorixás* da Bahia, possuindo os títulos de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Respeitada por suas ideias no país e no exterior, sendo uma referência no diálogo intercultural e inter-religioso, Mãe Stella de Oxossi se destacou pela luta da valorização e preservação da religião do Candomblé. Por tais razões, tem sido uma representante digna desta religiosidade, não a única, mas é uma das principais eleitas que costuma ser convidada para a realização de palestras, debates e entrevistas em diferentes partes do Brasil e do mundo. Podemos citá-la como uma das mais relevantes lideranças da cultura afrobrasileira presente na Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU), contra o racismo e a intolerância, ocorrida em Durban na África do Sul, em agosto de 2001.

Em setembro de 2013, Mãe Stella tomou posse na Academia de Letras da Bahia, a qual foi escolhida por unanimidade em abril do mesmo ano, ocupando a cadeira do ancestral

poeta baiano Castro Alves. Como escritora, publicou diversas obras, entre elas: *E daí aconteceu o Encanto*, de 1988; *Meu Tempo é Agora*, de 1993; *Ôşósi - o Caçador de Alegrias*, lançado em 2006; *ÔWE - Provérbios*, de 2007 e *Ofún*, de 2013. Todas as obras de Mãe Stella tratam da preservação da memória de sua religiosidade e dos aspectos culturais e antropológicos da religião, que envolvem a também história e cultura da Bahia e consequentemente do Brasil.

Mãe Stella inovou mais uma vez os padrões tradicionais, ao lançar em 2017 o aplicativo para *smartphones* intitulado “Orientações de Mãe Stella”. Neste ambiente, encontramos sentenças e provérbios proferidos pela *Yalorisá*, que podem ser lidos ou escutados por uma gravação narrada pela própria. O aplicativo também disponibiliza os *e-books* de sua autoria, vídeos com entrevistas concedidas ou reportagens, além das produções do seu canal “Da cabeça de Mãe Stella de *Oxóssi*” no *Youtube*, onde Mãe Stella e alguns convidados trazem outras orientações, mitos, narrativas, e conhecimentos sobre o universo do Candomblé da Bahia.

Embora os provérbios estejam relacionados em diversas produções de Mãe Stella, duas obras são mais intensificadas pela aparição dos provérbios, elas são *Ôwe - Provérbios* (2007) e *Odu Adajó - Ofún* (2013). A primeira obra trata-se de um livro de compilações de provérbios de origem *yorubá* e outros dos quais não há origem definida, mas são aceitos, resguardados e falados cotidianamente no interior dos Terreiros. A autora informa que “no candomblé, a vivência mítica das divindades é cantada e contada através do que é chamado corpo das tradições orais, do qual os provérbios, *Ôwe* na língua *yorubá*, fazem parte”. (SANTOS, 2012, p. 33).

Já a publicação *Ofún* é o início de uma coleção de dezesseis livros, intitulada *Odu Adajó: Ofún*, onde os provérbios tem profundo sentido religioso e aparecem no corpo de *Qdú* (o destino de cada ser humano que podem ser conhecidos através de jogos divinatórios). O corpo de *Qdú* traz consigo uma linguagem, revelada por poemas, mitos e provérbios de forma que exercem forças determinantes da vida dos indivíduos, permitindo-o uma reconstrução de seu caráter e de suas atitudes. Os provérbios são mensagens de *Qdú*, que trazem orientações de prevenção e reflexão, para garantir uma boa caminhada dos seres humanos aqui na terra. O livro reúne, entre mitos e regras do jogo divinatório, diversos provérbios listados correspondentes ao *Qdú Ofún*, como:

Uma criança não recusa o leite materno; A ave não recusa o convite para o milho; O pênis não recusa o convite para a vagina; Ninguém pode ignorar a picada de uma cobra;

Ninguém resiste à necessidade de tossir; Ninguém ignora a picada de um escorpião; A terra não pode recusar os raios do sol; O pano não pode recusar o ataque violento de uma agulha, Ninguém pode impedir o gato de caçar o rato; Ninguém desobedece ao chamado da natureza. (SANTOS; DOMINI, 2012, p. 98).

Na perspectiva da oralidade tradicional dos terreiros *jejes-nagôs*, os provérbios aparecem nos jogos divinatórios e nas diversas orações e cantigas religiosas dos povos *yorubá*, conhecidas como *orin* (cantigas) e *oriki* (poemas e rezas), que foram assimiladas no Candomblé. Também circula no cotidiano, onde a educação religiosa se manifesta com naturalidade em conversas mais sérias ou mesmo informais, realizadas a porta das casas, durante o lazer ou trabalho. Os provérbios aparecem também nos diversos *itan*, mitos *yorubanos* presentes no Candomblé com fundamentos e propósitos diversos.

Embora Mãe Stella valorize a tradição oral herdada dos ancestrais, ela preocupou-se em grafar seus conhecimentos pela escrita, e justifica que “a tradição somente oral é difícil nos tempos atuais. Até mesmo porque a aquisição da escrita pela humanidade é um ganho e não uma perda”. (SANTOS, 2010, p. 31). Portanto, na sua maestria como educadora e sacerdotisa ela adota as duas formas de amparo da linguagem e complementa: “eu tenho transmitido conhecimento e recebido ensinamentos. A inspiração de escrever *Meu Tempo é Agora* nada é mais do que aquilo que diria a cada um em separado” (SANTOS, 2010, p. 140).

É possível perceber, a partir de Mãe Stella, que nos terreiros o aspecto da cultura africana, onde os gêneros orais são englobados tal como o provérbio, está vivo e muito presente. Dentro da perspectiva educacional, Mãe Stella vê os provérbios como uma forma inteligente e perspicaz de se comunicar e a partir disso também educar. É uma das formas inclusive de reviver esta “pequena África”. Além disso, ela assinala que “os provérbios produzem prazer por possibilitar o registro e fixação de uma sábia mensagem, tendo a energia mental economizada” (SANTOS, 2012, p. 33).

## OS PROVÉRBIO NA VOLTA QUE O MUNDO DÁ – SABERES DA CAPOEIRA

“A capoeira está entre as grandes contribuições do Brasil ao imaginário do mundo. Esta é a prova de que o mar leva e o mar devolve; saímos dos porões amargurados dos navios negreiros e voltamos consagrados pela fraternidade da arte”.

(Gilberto Gil, 2004)

A fala do cantor e compositor Gilberto Gil, na época em que presidia o cargo de Ministro da Cultura, revela a importância da capoeira como aprendizado. Ele proverbializa o discurso ao dizer que “o mar leva e o mar devolve”. Neste vai e vem do mar, da composição poética, presente nas cantigas aos ensinamentos dos Mestres, há na capoeira, provérbios para serem escutados, aprendidos, ensinados e pesquisados. Uma vez que para a capoeira existem os fundamentos, que estão baseados nos conhecimentos dos Mestres e estes se pautam pela transmissão oral ou pelas mesmas cantigas poéticas e divertidas.

Diversas opiniões apontam a capoeira como arte, dança e luta de expressão afrobrasileira. Mestre Pastinha disse certa vez: “a capoeira é tudo que a boca come”. A capoeira nasceu na África, mas foi no Brasil que se difundiu decisivamente pela sua trajetória de lutas e expressões das ruas à academia de desportos. Para alguns pesquisadores, ela tem origem do *N'golo*, uma dança ritualística praticada ao Sul de Angola, conhecida como a dança das zebras e que envolvia a passagem de uma menina moça para a vida adulta. Nesta paisagem ocorria a apresentação de dois lutadores em que ambos lutavam em um jogo que envolvia a gesticulação com os pés e braços sempre em ataque e defesa.

Hoje, praticada em todos os continentes, a capoeira se divide entre a Capoeira Regional e a Capoeira de Angola. A primeira foi criada por Mestre Bimba<sup>3</sup>, durante as perseguições às práticas urbanas da capoeira de rua ainda no primeiro quartel do século XX. A rua sempre teve seu lugar finco pela própria relação de ancestralidade com suas origens africanas, mas Mestre Bimba levou a capoeira da rua para a academia, no sentido de assegurar esta sabedoria. Também achou necessária a adaptação da expressão, incluindo aí alguns elementos que a transfigurou em uma espécie de arte marcial. Atualmente, mesmo que seja praticada em academias, ela sempre retorna a rua em qualquer uma modalidade.

Já a Capoeira de Angola foi, na mesma época, criada por Mestre Pastinha, como uma unidade de resistência e valorização a ancestralidade africana, e seu próprio nome revela este retorno, ou *sankofa*<sup>4</sup>. Também seria praticada dentro de

espaços fechados, como um “Barracão”, mas com presença constante nas rodas de rua, seu espaço ideal.

O criador da Capoeira Angola, Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha nasceu em 1889 em Salvador, filho de mãe baiana e pai espanhol. Segundo as memórias do próprio mestre, ele iniciou na capoeira aos oito anos de idade com um negro chamado Benedito. Mestre Pastinha tinha bastante conhecimento e sua alma de poeta serviu de base para desenvolver a capoeira por ele idealizada fundando em 1941 o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA). Neste espaço se produziu arte, música, poesia e expressão corporais fundamentadas sempre ao passado, tendo Angola como o ponto referencial para a África presente na capoeira.

É justamente na Capoeira de Angola em que esta preservada a maior parte de um universo africano, em que a oralidade e o corpo obtêm lugar de proeminência. De seu criador, Mestre Pastinha, aos Mestres e Mestras da contemporaneidade, a Capoeira de Angola tem toado um movimento fluxo por sua natureza de contenção aos conhecimentos ancestrais, em que o provérbio circula e sobrevive. Se os provérbios fazem parte do contexto afrobrasileiro, não podia faltar a capoeira pelo seu próprio contexto.

O Mestre Nestor Capoeira, que também é pesquisador de cultura afrobrasileira, já se pronunciou sobre os provérbios no processo de aprendizagem na junção do corpo, da mente e do universo da roda, que se caracterizam por meios da malícia, brincadeiras, memorações e narrativas. Em uma de suas obras, Nestor Capoeira comenta os provérbios que rondam os capoeiras e o aprendizado, assim como ilustra alguns provérbios e suas devidas explicações.

Há também uma atitude mental a ser seguida pelo aprendiz, a qual, sem dúvida, facilitará o seu desenvolvimento - físico, mental, espiritual. Esta atitude esta bem expressa em pequenos provérbios populares que são a essência da filosofia da malandragem. Por exemplo: “Quem não pode com mandinga, não carrega patuá” (cada um deve conhecer seus limites e possibilidades); “Urubu pra cantar demora”, ou o equivalente “Bater papo com otário é jogar conversa fora”, etc. (NETO, 2011, p. 105).

Os provérbios acima citados e explicados pelo Mestre Nestor Capoeira circulam livremente nos diálogos de capoeiristas, de um bate-papo informal às conversas mais sérias. Para Moraes (2009), Mestre angoleiro e pesquisador, a capoeira encontra na espiritualidade ancestral africana uma fórmula de sobreviver em meio ao movimento globalizado, em que as práticas regionais, que desencadearam gradualmente da força

3 Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba) nasceu em 1900 no Bairro de Brotas em Salvador/BA. Foi pioneiro da capoeira no Brasil e fundador da capoeira regional em 1932. Iniciou na capoeira aos doze anos de idade e prosseguiu até o fim da sua vida em 1976. Mas segue bem vivo nas canções e memórias da capoeira. Muniz Sodré, que foi um de seus discípulos, publicou em 2002 a obra biográfica *Mestre Bimba: Corpo de Mandiga*, uma biografia a partir de memórias sobre este herói nacional.

4 Provérbio akan que significa: nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás.

da negritude no país e obteve êxitos em sua propagação mundial. Mestre Moraes (2009) sabe que o provérbio é um nervo ativo nesta resistência afro cultural, da qual os velhos mestres persistem em meio a tantas dificuldades. Ao encerramento de uma entrevista concedida, que foi publicada na série *Encontros – Capoeira* de 2009, ele afirma pelo provérbio que “O baobá envelhece, mas continua imponente na natureza” (MORAES, 2009, p. 175).

Os provérbios inseridos nos ensinamentos da Capoeira revelam a rede de comunicação oral pelos saberes, traçados contínuos da África presente no território brasileiro. Tudo isso se resume, conforme o apontamento de Castro Jr. (2004), na sabedoria que este espaço constitui

[...] um caminho de comunicação vibrante que envolve seus personagens num campo fértil de produção de saberes, e que explica os fenômenos existentes. Os saberes revelam uma força de criação e recriação ordinária do passado em constante comunhão com o presente. Através de uma dimensão estética de educação baseada na descoberta, acontece um sistema de comunicação motora, simbólica e oral” (CASTRO Jr., 2004, p. 150)

No contexto da musicalidade na capoeira, outra fonte de conhecimento onde há a profusão dos poéticos provérbios, que estão presente em inúmeras composições populares ou compostas. Vejamos alguns provérbios presentes em diversas cantigas de capoeira:

“Nem tudo que reluz é ouro, nem tudo que balança cai” / “Aquele que bateu o golpe, nunca teve a sorte de me acertar.” / “Nem toda rasteira da vida, nem a alma sofrida vai me derrubar.” / “Buraco velho tem cobra dentro”.

As cantigas de capoeira solta no ar, entoada pelas sonoridades rítmicas de uma orquestra constituída de berimbau e percussão, conhecida como “bateria”, não se limita somente ao fator, não menos interessante, de levar o jogo ao movimento no espaço da roda. Mas elas servem também como um instrumento pedagógico para a vida do capoeirista, ou para o público em geral, desde que se identifique com a perspectiva coletiva e comunitária da roda de capoeira:

Na roda de capoeira, não se canta por cantar: o canto tem sentido e significado. E o cantor canta a partir do jogo. No canto, acontecem dois momentos complementares: o primeiro momento, em que o cantor puxa o canto; o segundo é o refrão, no qual todos os participantes daquele contexto cantam em conjunto. (CASTRO Jr., 2004, p. 147)

Na literatura encontramos provérbios ou expressões criadas pelos autores com forma proverbiais que fazem parte do contexto da oralidade praticada pelos “velhos capoeiras”

que sobrevivem graças ao imaginário difundido na cultura afrobrasileira. Podemos observar esta sinalização, de comunicações proverbiais com adaptações poéticas, como na obra *Feijoada no Paraíso* de Marcos Carvalho sobre o mítico capoeirista Besouro<sup>5</sup>.

Tio Alípio me ensinou de tudo um pouco. Com a calma do parteiro dos anos que a eternidade é que engendra. Ele era um negro, daqueles uns que olharam bem fundo no olho da maldade e viram a única forma de sair vivo de lá. A capoeira é a arte do dono do corpo e de outros tantos. Pois se não. O que come primeiro, o ardiloso, é o que não é nem nunca foi aquele o pé redondo, o redemunho, o não falado, o tristonho, não. Capoeira é de Deus. Mundo e gentes muitas têm mandinga, corpo tem poesia, pássaro tem bico. Capoeira tem axé. Meu pai e meu mestre me ensinou. E isto não é pouca coisa. Mas mel não conhece flor nem reconhece abelha. O que me ensinou capoeira conhecia. (CARVALHO, 2002, p. 24)

Podemos observar na fala do Besouro, personagem de Carvalho, um entrelaçado de magia, malandragem e frases proverbiais, algumas mais nítidas como: “mel não conhece flor nem reconhece abelha”; outras mais enigmáticas: “O que come primeiro, o ardiloso, é o que não é nem nunca foi aquele o pé redondo, o redemunho, o não falado, o tristonho, não.”

Decifrar e levar ao mundo os provérbios de origem africana difundidos no Brasil, são pontes para a inclusão e respeito a estas sabedorias e frutos da diáspora africana. Percebemos que tanto os protagonistas destas comunidades, ou escritores como Marcos Carvalho, têm se dedicado a não esquecer estes valores da ancestralidade e da filosofia afro.

## CONCLUSÕES

Estas pequenas analogias apontadas neste texto, permitem conhecer a presença e a força do provérbio em nossa sociedade, difundida principalmente pela cultura afrobrasileira, que abriga provérbios africanos e assimila outros tantos oriundo de diversas partes do mundo, reinventando-se na contemporaneidade.

O provérbio circula em outras tradições de perspectivas

- Segundo Abib, “No imaginário da capoeiragem e dos capoeiras, não existe figura mais expressiva e representativa do que Besouro Mangangá, Manoel Henrique Pereira por batismo. Ainda hoje muitos duvidam de sua existência. Houve quem afirmasse categoricamente, como o falecido Mestre Cobrinha Verde (Rafael França), ter convivido e aprendido capoeira com Besouro. Apenas recentemente foi encontrada uma prova de sua existência: seu registro de óbito, localizado na Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro da Purificação”. Besouro têm sido cantado nas músicas de capoeira, repercutido na literatura e até no cinema.

afrobrasileiras, tais como o Samba de Roda, o Jongo, e até mesmo nos grupos de hip-hop da cena atual. Sempre com ações e propósitos educativos e de orientação. Propomos aqui apenas algumas observações que podem levar a novos olhares para este fenômeno que devem ser mais apetecidos.

Aqui plantamos uma semente, pois os estudos sobre provérbios nas comunidades afrobrasileiras podem ser observados em diversos campos e áreas de pesquisa, e podem trazer novos detalhes e peculiaridades sobre estes saberes, que finalmente podem ser ensinados inclusive na educação básica. É nesta busca que encerramos como o provérbio encontrado na compilação de Mãe Stella (2010): “O conhecimento é como um jardim: se não for plantado, não pode ser cultivado”.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. A capoeira e seus aspectos míticos-religiosos. In: **Textos do Brasil n. 14** – Capoeira. BRASIL. Ministério das Relações Exteriores: Brasília, 2005.
- ABREU, Frede, CASTRO, Maurício Barros. **Capoeira** (Encontros). Rio de Janeiro: Azougue Editoria, 2009.
- ANJOS, Rafael Sanzio A. dos. A geografia do Brasil africano, o Congo e a Bélgica – Uma aproximação. In: **Revista Tempo – Técnica – Território**, V1, N3 (2010), P. 1:24
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Discurso do Ministro da Cultura Gilberto Gil** - Genebra, em 19 de agosto de 2004, na homenagem ao ano de morte de Sérgio Vieira de Mello. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/noticias/discursos/index.php?p=837&more=1&c=1&tb=1&pb=1>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. São Paulo: WMF editora, 2008.
- CARVALHO, Marcos. **Feijoada no Paraíso: A saga de Besouro, o capoeira**. Rio de Janeiro: Record. 2009.
- CASTRO Jr., Luís Vítor. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre Historicidade e Ancestralidade. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte Campinas**, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.
- LEPINE, Claude. Os estereótipos da personalidade no Candomblé nagô. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Coord.). **Olóòriṣà** – Escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo: Ágora, 1981.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia**: um estudo de relações intragrupo. Salvador: Corrupio, 2003.
- LODY, Raul. **Candomblé** – Religião e resistência cultural. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- NETO, Nestor Sezefredo dos Passos. (Nestor Capoeira). **Capoeira** - a construção da malícia e a filosofia da malandragem 1800-2010 – Trilogia do Jogador. Vol. 1. 2011.
- PAXE, Abreu Castela Vieira dos. **O sistema literário angolano e a tradução semiótica**. Brasília, UnB, (2014). (Comunicação oral).
- SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Odu Adájo**: Ofún. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Opinião**. Salvador: Edições A tarde, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Òṣósi** - o Caçador de Alegrias. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Òwé** - Provérbios. Salvador: 2007.
- SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: corpo de mandiga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O Terreiro e a Cidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás** – Deuses Yorubas na África e no Novo Mundo. 6ª ed. Salvador: Editora Corrúpio, 2002.
- XAVIER, Juarez. O papel decisivo das pesquisas para o conhecimento dos valores ancestrais afrodescendentes. In: BRAGA, Maria Lúcia Santana, SOUZA, Edileuza Penha de, PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Dimensões da inclusão no Ensino Médio**: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

## CURRÍCULO

\* Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Professor de Teorias da Comunicação da Universidade Católica de Brasília (UCB).